

HealthTech/Psicologia

**QUANDO O CHEFE É O APLICATIVO: REFLEXÕES SOBRE A
PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO E OS IMPACTOS À SAÚDE E BEM-
ESTAR DOS TRABALHADORES**

Gabriel Bacarol Kerber¹; Gabriela Maria Müller Rodrigues²; Vanessa Rissi³

1 Mestre em Psicologia IMED. gabrielkerber@outlook.com

2 Acadêmica de Psicologia IMED. gabriela.muller.rodrigues@gmail.com

3 Doutora em psicologia e professora do programa de pós-graduação stricto sensu em psicologia. IMED. vanessa.rissi@imed.edu.br

1 Introdução

Pesquisas apontam que o Brasil é um terreno fértil para a reprodução dos interesses produtivos e comerciais de plataformas digitais de entrega, a medida que a informalidade e o desemprego se apresentam em crescente estatística. Plataformas digitais são bases de uma organização de *softwares* e *hardwares*, alimentadas por dados e automatizadas por meio de algoritmos digitais. Estas plataformas dão a possibilidade de interação entre duas ou mais pessoas ou grupos. O fenômeno da plataformização do trabalho é a penetração destas organizações nos processos econômicos, e com isto, atividades desenvolvidas por trabalhadores via aplicativos sustentam o funcionamento deste um sistema complexo, produtivo e comercial, desenvolvido nos últimos anos (Amorim & Moda, 2021; Grohmann, 2020).

Este é um fenômeno recente. Dentre as formas de plataformização está o trabalho mediado por aplicativos de entrega e transporte de pessoas. Estes aplicativos são cultivados por grandes empresas dos setores produtivos modernos e de alta tecnologia. A operação destas plataformas, por estas empresas, permite que os trabalhadores atuem sem nenhuma (ou quase nenhuma) proteção trabalhista. Deste modo, os trabalhadores ficam reféns de uma era



digital cuja produtividade é a máxima empregada pelas empresas, desconsiderando a saúde mental e a força física dos trabalhadores (Amorim & Moda, 2021; Antunes, 2020; Grohmann, 2020).

Apesar de representar para alguns uma tendência de modernização do trabalho, produtividade e interesses comerciais, sob outra perspectiva esse modelo de trabalho impacta negativamente na saúde e bem-estar dos trabalhadores. Considera-se a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), e o bem-estar inclui estados afetivos positivos, baixos níveis de estados afetivos negativos e boa saúde cognitiva á julgar sobre a satisfação no trabalho (Hirschle & Gondim, 2020). Por conseguinte, o objetivo deste resumo expandido é descrever evidências dos impactos à saúde e bem-estar dos trabalhadores decorrentes do trabalho mediado por aplicativos.

2 Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa não sistemática da literatura. O método utilizado foi o bibliográfico narrativo (Creswell, 2014). Buscou-se por estudos teórico-empíricos dos últimos cinco anos disponibilizados no *Google Acadêmico*, a partir dos descritores “Trabalho por aplicativo” AND “Impactos em trabalhadores” AND “Plataformização”. Também foram consideradas dissertações, documentos públicos e notícias da mídia para leitura. Os artigos selecionados foram organizados e realizada a interpretação de dados, aprofundando o entendimento das informações e tomando-se da análise de conteúdo como técnica para a compreensão e discussão dos seus dados (Bardin, 2011).

3 Resultados e Discussão

Estudos sobre impactos na saúde e bem-estar dos trabalhadores vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos no mundo inteiro. Relações de trabalho mediadas por plataformas digitais estão em um período crescente. A partir da evolução e avanços



tecnológicos no mundo do trabalho, observam-se cada vez mais diferentes reestruturações produtivas, as quais necessitam flexibilizar-se a partir do meio e suas exigências. Tais mudanças proporcionaram diversas modificações entre o homem e o trabalho, e isto vêm impactando a saúde dos trabalhadores, os quais estão propensos a desenvolver doenças ocupacionais (Santana, Gonçalves & Bortolini, 2019).

Trabalhadores mediados por aplicativos são um exemplo evidente das relações precárias de trabalho. Estudos indicam que empresas como a *Uber* e a *Rappi* se colocam como meras facilitadoras deste processo, conectando o entregador ou motorista aos estabelecimentos e clientes diretos, redimindo-se dos direitos que todo trabalhador tem sob a luz da legislação trabalhista brasileira (Amorim & Moda, 2021; Manzano & Krein, 2020; Santos, Araújo & Brutti, 2020).

Estes trabalhadores trabalham mais horas que a média do total de ocupados no Brasil e possuem rendimentos inferiores. Uma pesquisa que entrevistou ciclistas-entregadores mostra que não existe proteção social, não estando inscritos na Previdência Social ou registrados no MEI (Microempreendedor Individual), e sequer usam equipamentos de proteção individual (capacete, coletes cervicais, etc.). Além disso, a jornada de trabalho é intensa, circunstância que induz o trabalhador a tomar mais risco, expondo-se cada vez mais o risco advindo do cansaço e das más condições de trânsito (Amorim, 2021; Castro, 2021; Oliveira Júnior, 2020).

O sentido do trabalho para esta funcionalidade se situa na intensidade. Isto porque, se trabalhar pouco, receberá pouco. Quanto mais trabalhar, mais ganhará. A combinação destes fatores gera trabalhadores com altas expectativas de satisfação e poucos recursos para lidar com frustrações, sendo esta a base propícia para desenvolver *Burnout* (Oliveira Júnior, 2020)

Em uma pesquisa evidenciou-se, através de entrevistas individuais com trabalhadores por aplicativos, que o sentimento de medo causado pela insegurança, a frustração pela falta de reconhecimento das plataformas digitais, e desgastes físicos como dores e cansaço, são



algumas das manifestações decorrentes de vivências de sofrimento pela experiência dos trabalhadores. Outros estudos apontam a concomitante redução do valor real dos rendimentos médios desses trabalhadores, que já são extremamente baixos no comparativo com outras ocupações do Brasil (Castro, 2021; Santos, Araújo & Brutti, 2020; Santos & Rissi, 2021).

Com isto, a tecnologia se utilizada como método de exploração dos trabalhadores pode ampliar exponencialmente o trabalho precário, o desenvolvimento de desgaste emocional e esgotamento mental. Atenta-se para que a tecnologia seja utilizada como uma ferramenta que traga soluções para problemas que incluam a melhora da saúde mental, e não o aumento deles (Amorim & Moda, 2021; Castro, 2021; Manzano & Krein, 2020).

4 Considerações finais

Pode-se concluir que há muitos elementos que convergem para o entendimento de que a plataformização como mediação do trabalho pode provocar impactos na saúde e bem-estar na vida dos trabalhadores. Dentre os estudos encontrados, predominou-se o entendimento de que a desproteção, intensidade, desgastes físicos como dores e cansaço e falta de reconhecimento são exemplos destes impactos.

Neste sentido, é importante reforçar a construção de subsídios para estratégias de enfrentamento. Espera-se que as pesquisas voltadas a saúde mental possam sensibilizar e influenciar instituições/empresas a realizarem planos de ação voltados à valorização, intervenção e minimização das consequências das vivências de sofrimento que acometem os trabalhadores por aplicativos. Este estudo apresentou limitações, dentre as quais destacam-se que a revisão de literatura não foi sistemática, impossibilitando a replicação do método. Em que pesem os limitadores, este resumo cumpriu com seu objetivo e desvelou a necessidade de maior investigação do impacto tecnológico na relação saúde mental e bem-estar nos trabalhadores por aplicativos.

Referências Bibliográficas



- Amorim, H. J. D. & Moda, F. B. (2021). Trabalho por aplicativo. *RTPS - Revista Trabalho, Política e Sociedade*, v. 6, n. 10, p. p. 105-124. doi: <https://doi.org/10.29404/rtps-v6i10.834>
- Antunes, R. (2020). *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. Ricardo Antunes (Org.). São Paulo: Boitempo, 2020.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (7a ed. rev. e amp.). São Paulo: Edições 70.
- Castro, M. F. de. (2021). A pandemia e os entregadores por aplicativos: *Revista Espaço Acadêmico*, 20, 70-80. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57157>
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso.
- Hirschle, A. L. T., & Gondim, S. M. G. (2020). Estresse e bem-estar no trabalho: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 2721-2736. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.27902017>
- Manzano, M., & Krein, A. (2020). A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil. *Campinas: Cesit/Unicamp*. Recuperado de: https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2020/07/MANZANO-M-KREIN-A.-2020_A-pandemia-e-os-motoristas-e-entregadores-por-aplicativo.pdf
- Oliveira Júnior, F. A. D. (2020). *O sentido do trabalho e o empreendedorismo: caso dos entregadores ciclistas e as plataformas digitais* (Dissertação de Mestrado – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro). Recuperado de: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30049/Texto%20Final%20Consolidado_Mestrado%20profissional_Francisco%20Assis%20de%20Oliveira%20Júnior.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Santana, T., Gonçalves, S. S. P. M., & Bortolini, M. R. (2019). Precarização do trabalho e saúde do trabalhador: burnout e resiliência entre professores. *Intervozes trabalho, saúde, cultura*. Petrópolis v.4, n. 1, p20-39. Recuperado de: https://www.fmpfase.edu.br/Intervozes/Content/pdf/Artigo/Artigo_04_01_02.pdf
- Santos, R. J. B. dos, Araújo, G. L. N. de, & Brutti, T. A. (2021). Os entregadores de aplicativos no brasil e a precarização do trabalho na era digital. *Revista interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão*, 8(1), 165-172. <https://doi.org/10.33053/revint.v8i1.367>
- Santos, J. J. dos, & Rissi, V. (2021). Trabalho uberizado de motoristas por aplicativos: análise qualitativa a partir de publicações em uma rede social e de entrevistas individuais (Dissertação de Mestrado, Faculdade Meridional IMED, RS, Brasil).

